

## **“FUTEBOL FEMININO, A SENSACÃO DO MOMENTO”: O FUTEBOL DE MULHERES NAS PÁGINAS DA IMPRENSA PARANAENSE (1934-1983)**

Fernanda Ribeiro Haag<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como tema o futebol de mulheres nas páginas da imprensa paranaense. A intenção é analisar como a modalidade foi representada nos periódicos. Para isso foram analisados os jornais Diário da Tarde e Diário do Paraná, durante o período de 1934 a 1983. Partiu-se de uma perspectiva da História Social conectada aos Estudos de Gênero, encarando o esporte como uma atividade *generificada*. Em termos metodológicos, adotaram-se as discussões da imprensa como fonte histórica, empreendendo uma análise crítica que dê conta da complexidade de suas articulações e desconstrua o mito da sua objetividade. Concluiu-se que a despeito da proibição o futebol de mulheres foi uma realidade do campo esportivo paranaense e se deu das mais distintas formas.

**Palavras-chave:** futebol de mulheres; Paraná; imprensa.

### **“Women's football, the sensation of the moment”: women's football on the pages of the Paraná press (1934-1983)**

**Abstract:** This article addresses the topic of women's football on the pages of the Paraná press. The objective is to analyze how the modality was represented in the newspapers. For this purpose, the newspapers Diário da Tarde and Diário do Paraná were analyzed during the period from 1934 to 1983. It started from a perspective of Social History connected to Gender Studies, facing sport as a gendered activity. In methodological terms, the discussions of the press were adopted as a historical source, undertaking a critical analysis that takes into account the complexity of its articulations and deconstructs the myth of its objectivity. It was concluded that, despite the prohibition, women's football was a reality in the sport field in Paraná and took place in the most different ways.

**Keywords:** women's football; Paraná; press.

### **“El fútbol femenino, la sensación del momento”: el fútbol de mujeres en las páginas de la prensa paranaense (1934-1983)**

**Resumen:** El presente artículo tiene como tema el fútbol de mujeres en las páginas de la prensa paranaense. La intención es analizar como la modalidad fue representada en los periódicos. Para eso fueron analizados los periódicos Diario de la Tarde y Diario de Paraná. Durante el periodo de 1934 hasta 1983. Se ha principiado de una perspectiva de la Historia Social conectada a los Estudios de Género, encarando el deporte como una actividad generificada. En términos metodológicos, se adoptan las discusiones de la prensa como fuente histórica, emprendiendo un análisis crítico que dé cuenta de la complejidad de sus articulaciones y derrumbe el mito de su objetividad. Se concluye que en lo que dice respecto a la prohibición el fútbol de mujeres fue una realidad del campo deportivo paranaense y se sucedió de las más distintas maneras.

**Palabras-clave:** fútbol de mujeres; Paraná; prensa.

---

<sup>1</sup> Doutoranda na Universidade de São Paulo (USP). Curitiba, Brasil. E-mail: ferhaag@usp.br.

## Introdução

“Futebol feminino, a sensação do momento!” foi assim que o Diário da Tarde, no dia 12 de dezembro de 1950, anunciou a realização de um jogo de mulheres no Estádio Joaquim Américo, do Atlético-PR<sup>2</sup>. De acordo como jornal seria “um espetáculo inédito para a nossa cidade, e que merece apoio do nosso público”. O jogo, infelizmente, acabou não acontecendo, como foi noticiado dias depois. A justificativa seriam os altos custos, pois os times viriam do Rio Grande do Sul, e a coincidência de datas comemorativas do final do ano. O evento seria organizado pela Associação de Cronistas Esportivos do Paraná.

Apesar da não realização do jogo, visto como um espetáculo (talvez pelo ineditismo ou pelo caráter de performance ou ainda pela própria qualidade técnica das jogadoras?), o futebol feminino foi considerado a “sensação do momento”, ao ponto de ganhar espaço nas colunas esportivas de um grande periódico em circulação no Paraná. Com base nisso, descortina-se o tema deste capítulo: o futebol de mulheres nas páginas da imprensa paranaense. A intenção é analisar como a modalidade apareceu (e se chegou a aparecer) nas páginas periódicas e de que forma ela é representada na mídia do Paraná.

Para isso delimitamos dois jornais relevantes do estado: o Diário da Tarde e o Diário do Paraná. Como recorte temporal estabelecemos o período de 1934 – registro da primeira aparição da modalidade na pesquisa feita – até 1983, ano da regulamentação do futebol de mulheres no Brasil. O recolhimento e a seleção das fontes primárias ocorreram através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O recorte espacial, como já visto, é o estado do Paraná, contudo, reconhecemos que a maior parte das notícias se refere à Curitiba. Como capital do estado sempre teve mais destaque na mídia local, o que reverbera também na nossa pesquisa.

O capítulo parte da perspectiva da História Social conectada aos Estudos de Gênero (PINSKY, 2009) e busca contribuir com as discussões da História do Esporte. Nesse sentido, debruçar-se sobre o futebol de mulheres é uma escolha, além de subjetiva, política, pois é a ideia de que há histórias e sujeitos históricos que permaneceram nas sombras por muito tempo. É fundamental retirá-los desse lugar e lhes dar a devida visibilidade (GOELLNER, 2007).

Ademais, o esporte é uma atividade *generificada*, é um espaço privilegiado para se produzir/fazer gênero, ou seja, (re)produz e até modifica as relações de gênero existentes no mundo social. Relações que são construídas historicamente, portanto, o esporte é uma esfera na qual o gênero pode ser produzido, mas também transformado (PFISTER; ILSE, 2003). Em termos metodológicos, partimos de reflexões acerca da mídia como fonte histórica e também do uso de acervos digitais para a pesquisa em História. A seguir debatemos a metodologia, para no momento seguinte empreender a análise das fontes.

---

<sup>2</sup> Futebol feminino, a sensação do momento! *Diário da Tarde*, Curitiba, 12 dez. 1950, p. 3.

## Das páginas impressas à Hemeroteca Digital: metodologia e análise

Ao trabalhar com periódicos devemos estar atentos às especificidades teóricas e metodológicas desse tipo de fonte histórica. Desde os anos 1970, a historiografia além de construir uma História *da* imprensa e *por meio* da imprensa, adotou o próprio jornal como *objeto* da pesquisa histórica (LUCA, 2008, p. 118). Dessa forma, os estudos históricos que se relacionaram de alguma forma com a imprensa se desenvolveram e deixaram a desconfiança para trás, consolidando-se no campo historiográfico. Contudo, algumas indicações e alertas permanecem importantes. Uma delas vem de Williams (2007) ao afirmar que não é possível fazer da história da imprensa um âmbito isolado e autorreferenciado, pelo contrário, é preciso procurar e estabelecer vínculos com uma história social mais ampla. O que vai ser realizado através da problemática da pesquisa.

A proposta deste capítulo vai nessa direção. Mais do que construir uma narrativa histórica sobre a imprensa paranaense fechada em si mesma, o objetivo, como tratado anteriormente, é compreender de que forma o futebol de mulheres aparecia nos jornais do Paraná. Ou seja, auxiliar na construção de uma história social do futebol praticado por mulheres em terras paranaenses, utilizando para isso dois periódicos específicos: *Diário da Tarde* e *Diário do Paraná*. Lembramos aqui das contribuições de Hargreaves (1994): é fundamental analisar as experiências históricas das mulheres no esporte para compreendermos não somente tais experiências, mas para desenvolvermos uma compreensão mais ampla e aprofundada da própria história dos esportes e, podemos ir além, da própria história das sociedades. O esporte e a imprensa atuando como janelas privilegiadas para a compreensão de processos sociais.

Além disso, ao trabalhar com a imprensa, não devemos ter um olhar reducionista, considerando-a apenas um registro de acontecimentos. É preciso empreender uma análise crítica que dê conta da complexidade de suas articulações e desconstrua o mito da sua objetividade. O que implica também questionar a memória por ela instituída, contemplando em nossas pesquisas outras interpretações possíveis, que deem visibilidade a outras histórias e memórias (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 260). Aqui, novamente, cruzamos as reflexões sobre a mídia e o esporte praticado por mulheres. De acordo com Goellner (2007), estudar o futebol de mulheres, além de uma escolha subjetiva, é uma opção política, pois cabe ao pesquisador/a dar visibilidade a histórias e personagens que muitas vezes ficaram nas sombras e, então, atribuir-lhes sentido. Assim, ao nos debruçarmos na análise de dois jornais impressos focando no futebol de mulheres, não é para meramente reproduzir o discurso desses jornais sobre a modalidade, considerando-o simples registro objetivo de fatos, mas para problematizar criticamente essa narrativa, visibilizando outras memórias possíveis.

O ponto de partida da pesquisa é considerar a imprensa em sua *historicidade*, ou seja, considerá-la como uma força ativa da história do capitalismo – já que é nesse modo de produção que nosso objeto se localiza – e não como mero depositário de acontecimentos. É nesse sentido que ela atua na constituição dos nossos modos de vida, nas nossas perspectivas, na nossa consciência histórica e é criadora de hegemonia (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p.

257). Sobre os modos de vida, é uma perspectiva muito cara a nós, pois na discussão acerca da proibição ou da regulamentação para a prática do futebol por mulheres, a mídia cumpre um papel importante na criação de consenso.

Em 1959, com a manutenção da proibição de 1941 pelo CND, temos uma coluna de opinião no *Diário do Paraná*, escrita por Mario Fernando em resposta à organização de um jogo de vedetes no Estádio do Pacaembu, em que o autor deixa bem claro já no título “Futebol é para homem” e na primeira frase reafirma: “Desde meus tempos de garoto, que ouvia falar que futebol é coisa pra homem!”<sup>3</sup>. O jornal dá voz para um colunista exprimir a concordância com a proibição reforçando a barreira de gênero imposta às mulheres, fortalecendo inclusive a hegemonia masculina no campo esportivo. Não é simplesmente uma nota relatando um possível jogo de futebol, mas um posicionamento claro que está influenciando no debate público acerca da temática.

Importante notarmos que os discursos midiáticos não são estanques e realmente se articulam com as diferentes conjunturas históricas, construindo essas mesmas conjunturas. Para acompanharmos essa mudança podemos pegar uma notícia de 1970 no mesmo *Diário do Paraná*, que reconhece a existência de muitos times de mulheres no estado de São Paulo e afirma: “quanto às regras e o desempenho de cada jogadora, um time feminino nada fica a dever a um masculino” e finaliza o texto informando que os times iniciaram um movimento para pressionar o CND para oficializar a prática aqui no Brasil, possibilitando a elas competirem em torneios internacionais<sup>4</sup>.

É perceptível uma mudança na abordagem apresentada entre os dois textos. Em 1959, a proibição é defendida, reiterando as barreiras de acesso ao esporte por parte das mulheres, já em 1970, referindo-se ao futebol internacional (através dos torneios existentes) e assumindo que havia muitos times de mulheres no Brasil, o posicionamento é outro, noticia-se a necessidade de pressionar o CND pela regulamentação da modalidade. De todo modo, é importante notarmos que em ambos os casos o jornal interfere na esfera pública, posiciona-se neste debate e se afasta de uma posição neutra e de simplesmente relatar aspectos factuais. É na ausência de neutralidade que conforma, inclusive, modos de vida, práticas de lazer e corporais. Sobre isso, Laura Maciel complementa:

Em nossa prática de pesquisa não [tomar a imprensa] como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. (MACIEL apud CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 258)

Portanto, a imprensa, assim como outras fontes históricas, não é um testemunho neutro, mas sim uma prática social de determinado tempo e espaço e marcada pela intencionalidade histórica que a constitui. Outra

---

<sup>3</sup> FERNANDO, Mario. Futebol é para homem. *Diário do Paraná*, Curitiba, 14 ago. 1959, Segundo Caderno p. 6.

<sup>4</sup> Futebol feminino espera do CND a sua oficialização. *Diário do Paraná*, Curitiba, 06 ago. 1970, Segundo Caderno p. 6.

reflexão que deriva disso, é que os produtos da imprensa não foram feitos para a pesquisa do historiador. Tornar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de seleção feita exatamente pelo historiador e que envolve diferentes aspectos, da subjetividade do pesquisador ao acesso às fontes e a própria problemática da pesquisa e, por isso, precisa de um tratamento teórico e metodológico (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 260).

De acordo com Zicman (1985, p. 91) sobre a metodologia de análise da imprensa:

A imprensa como um todo constitui uma realidade específica com formas próprias e podemos mesmo dizer que a informação é fornecida aos leitores através de uma escrita própria – a escrita dos artigos, manchetes, títulos etc. – que chamamos de “escrita de Imprensa”. (...) Ela é composta por três elementos principais: a expressão escrita (textos, manchetes), a expressão icônica (fotos, desenhos) e a composição do jornal (distribuição dos artigos e colunas pela página do jornal).

Deste modo, o historiador deve encarar a análise da imprensa em sua totalidade, considerando os aspectos de conteúdo sem deixar de lado a especificidade da linguagem jornalística, que inclui as características do periódico e também a sua estrutura física. Como coloca Zicman (1985, p. 92), definem-se dois grandes momentos da análise: 1) a caracterização geral do jornal; 2) a análise de conteúdo do discurso da imprensa. Ou seja, forma e conteúdo. Lembrando que esses dois momentos sempre ocorrem paralelamente e de forma interrelacionada.

### **O Diário da Tarde**

Nesse sentido, cabe agora trazer uma primeira parte da análise dos periódicos trabalhados no capítulo. Começamos com o *Diário da Tarde* (DT). A primeira publicação do jornal é de 18 de março de 1899 e desde sua fundação acompanhou e participou significativamente da história do Paraná. Foi fundado por Estácio Correa e tinha a intenção de ser uma publicação “ponderada” no aspecto político e nas lutas partidárias. Além disso, havia o objetivo de tornar a publicação acessível às camadas populares. Tendo isso em mente, no início do impresso investiu-se muito em notícias sensacionalistas e até mesmo histórias sobrenaturais com fantasmas, tudo para atrair um público maior (WOITOWICZ, 2015, p. 59).

Graças ao seu estilo popular, já nas primeiras décadas do século XX, o Diário da Tarde se consolida como o jornal de maior circulação no Paraná. De acordo com Woitowicz (2015), ao longo de sua história o DT passou por mudanças de diretoria e, por conseguinte, de linha editorial. Além do fundador Estácio Correa, Euclides Bandeira, Raul Rodrigues Gomes, Generoso Borges, Jayme Ballão, Ulysses Vieira, Oliveira e Plácido Silva também foram proprietários do impresso. Em 1963, Francisco Cunha Pereira Filho, do grupo *Gazeta do Povo*, comprou o *Diário da Tarde*, junto com todo o seu maquinário.

O que nos é uma informação relevante, pois dos 64 textos do jornal que coletamos sobre o futebol feminino, 57 delas ocorrem somente após 1963. Ainda que o maior número de notícias não se concentre na década de 1960,

podemos perceber que a partir dali passa a figurar mais. Não podemos alegar que a mudança editorial é a única razão para esse crescimento, precisamos considerar também as próprias mudanças no campo esportivo, mas não deixa de ser um fato relevante. Inclusive porque o Diário da Tarde entra para a rede da Gazeta do Povo como o segundo maior periódicos dos anos 1960, com um estilo crítico e popular focando em assuntos policiais, de utilidade pública e *esportivos* (WOITOWICZ, 2015, p. 83).

Na década seguinte, o periódico alcança seu auge com uma tiragem de 16 mil exemplares. Do intervalo de 1970 a 1979 coletamos 31 textos sobre futebol feminino no periódico, época mais profícua (em números absolutos) nesse sentido, excetuando o período entre 1980 e 1983 que proporcionalmente o futebol de mulheres é mais retratado do jornal graças à pressão pela regulamentação da modalidade. Ou seja, o destaque dado ao esporte dentro do Diário da Tarde durante o seu auge atingiu também o futebol de mulheres, que passou a ter um pouco mais de espaço ali.

De acordo com as orientações metodológicas é importante para a caracterização do periódico que fiquemos atentos também à sua forma e à “escrita de imprensa”, ou seja, prestar atenção na disposição das notícias, nas imagens, na publicidade etc. O recorte da nossa pesquisa é de 1934 a 1983, ao longo desse período os jornais analisados passaram por transformações em sua estrutura formal, por isso iremos dividir essa parte da análise por décadas para melhor compreensão. Seguindo com o exame do Diário da Tarde, para depois nos debruçarmos sobre o Diário do Paraná.

A primeira vez que o futebol de mulheres apareceu nas páginas do DT, conforme os dados coletados, foi na edição 11662 de 4 de janeiro de 1934, uma quinta-feira. O jornal naquela época possuía oito páginas e mantendo a sua tradição de noticiário sobrenatural, logo na capa temos duas notícias: “A gruta encantada de Santa Felicidade” e “Nos domínios da magia negra, surgiu outro caso mais grave”. O DT utilizou poucas imagens, há várias páginas que possuem somente texto, o material iconográfico aparece mais na capa e em notícias específicas – as sobrenaturais e de política, sobretudo.

A sexta página é dedicada aos esportes no caderno *Vida Esportiva*. Contudo, não é nesse espaço que o futebol feminino aparece, mas na página seguinte como publicidade. Os anúncios possuem papel fundamental na manutenção dos impressos, obviamente, pela questão financeira. Nas oito páginas dessa edição, somente na terceira, a do editorial, que não há algum anúncio. A maior parte deles se refere a comércio e serviços do estado, principalmente, da capital paranaense. É assim que chegamos na propaganda do *Circo Irmãos Queirolo* que anuncia: “Nesta semana: FUTEBOL FEMININO. Disputado pelas moças da companhia”<sup>5</sup>.

À primeira vista é possível estranhar a performance do futebol dentro dos picadeiros, mas Bonfim nos recorda que:

Este deslocamento do campo esportivo para o campo das artes cênicas incide sobre os esforços de organização da historiografia do futebol de mulheres, uma modalidade que percorreu caminhos particulares quando comparado ao masculino, e por essa razão, foi constituída de manifestações do fenômeno em

<sup>5</sup> Circo Irmãos Queirolo. *Diário da Tarde*. Curitiba, 04 jan. 1934, p. 7.

diferentes ambientes de sociabilidade pública. (BONFIM, 2019, p. 74)

Assim, esses jogos de futebol eram performados e jogados por atrizes de grandes companhias circenses. Além dos Irmãos Queirolo, podemos citar também Nerino e Irmãos Garcia. O Circo Irmãos Queirolo se formou após a morte de José Queirolo em 1900 e depois de excursões pela Europa e América, fixou-se no Brasil em 1910. Nos anos 1930 era um dos circos mais conhecidos do país, com aproximadamente entre 80 e 100 artistas. Além do futebol feminino, o circo também promoveu outros espetáculos esportivos, como lutas entre a capoeira e o jiu-jitsu (BONFIM, 2019, p. 79-80).

A propaganda do Circo Irmãos Queirolo se repetiu ainda nos dias 5 e 6 de janeiro no *Diário da Tarde*, na mesma página 7. Interessante notar que as “moças da companhia” quando jogavam dentro do picadeiro se utilizavam de uniformes dos times locais. Assim, no dia 5 anunciava-se: “FUTEBOL FEMININO disputado pelas moças da companhia e representando as cores: Curityba F. C. x Athletico Paranaense<sup>6</sup>. O mesmo ocorreu no dia 6: “Continuação do extraordinario sucesso de ontem do FUTEBOL FEMININO. Britannia S. C. x Palestra Itália F. C.<sup>7</sup> Todas essas propagandas do circo e sua programação eram grandes e se destacavam na página do periódico.

Há uma única edição da década de 1940, na nossa pesquisa no *Diário da Tarde*, que aborda o futebol de mulheres, tratando do futebol internacional – o qual abordaremos mais detalhadamente adiante – e é do dia 14 de fevereiro de 1946, número 15981. Percebemos algumas mudanças na editoria gráfica, o impresso passou a utilizar mais imagens, sobretudo, desenhos. O número de propagandas também teve um acréscimo considerável, ocupando mais espaço. O jornal passou a ter 7 páginas e os assuntos esportivos foram tratados na terceira página, mais no início da leitura.

Com relação aos anos 1950, coletamos nove notícias. A respeito das imagens, na edição de 29 de abril de 1954, o futebol de mulheres ganha destaque logo na capa com um desenho de uma jovem saltando e segurando uma bola com as mãos e acompanha a manchete “MENORES não poderão integrar equipes de futebol feminino”:

---

<sup>6</sup> Circo Irmãos Queirolo. *Diário da Tarde*. Curitiba, 05 jan. 1934, p. 7.

<sup>7</sup> Circo Irmãos Queirolo. *Diário da Tarde*. Curitiba, 06 jan. 1934, p. 7.



FIGURA 1: Desenho de uma mulher saltando e segurando a bola. Fonte: Menores não poderão jogar futebol feminino. *Diário da Tarde*, 29 abri. 1959, capa. Acervo Biblioteca Nacional.

De maneira geral, notamos uma continuidade com a estrutura gráfica relatada anteriormente no *Diário da Tarde*: mais imagens, muita publicidade, o caderno esportivo na terceira página. Na década de 1960, período que o DT passa a fazer parte do grupo *Gazeta do Povo*, coletamos seis notícias e notamos algumas diferenças. Por exemplo, na edição de 7 de maio de 1966 o jornal contava com doze páginas e o esporte ocupava um espaço muito maior, as notícias esportivas se espalhavam por mais de uma página. As fotografias ficaram mais presentes também, em detrimento dos desenhos anteriores. Além disso, uma informação da organização institucional chama a atenção, o diretor do *Diário da Tarde* nesse contexto é Maurício Fruet, advogado e jornalista e como se sabe, importante político paranaense, que chegou a ser vereador, deputado estadual e federal e prefeito de Curitiba.

A maior parte das notícias recolhidas para esse capítulo se concentra na década de 1970 e até 1983 – último ano do recorte temporal estabelecido – o que vai ao encontro do que relatamos anteriormente: a ênfase no noticiário esportivo por parte do *Diário da Tarde* durante esse período. Analisando as edições que trouxeram notícias, informes ou reportagens sobre o futebol de mulheres durante esses anos notamos que o jornal oscilou entre edições com 6 a 8 páginas, as notícias esportivas se mantiveram espalhadas por mais de uma página, chegando muitas vezes a ser o destaque principal da capa. As publicidades se mantiveram mais discretas e passaram a figurar inclusive anúncios de assinaturas da *Gazeta do Povo*, o que é compreensível, pois o grupo comprara o DT.

## **O Diário do Paraná**

O *Diário do Paraná* (DP) fazia parte do grande conglomerado midiático dos *Diários Associados*, pertencente ao magnata Assis Chateaubriand. Os *Diários Associados* eram um grupo de veículos de comunicação de alcance e magnitude enormes no território nacional. Chegou a reunir 90 empresas de diferentes regiões, entre jornais, rádios e até laboratórios farmacêuticos, teve ainda estações televisivas. A primeira emissora da América Latina, a TV Tupi, também pertencia ao grupo<sup>8</sup>.

O conglomerado teve início em 1924, quando Assis Chateaubriand, com ajuda de Alfredo Pujol e Alexandre Mackenzie, comprou no Rio Janeiro o matutino *O Jornal*, até então pertencente a Renato Lopes. Seis meses depois adquiriu o *Diário da Noite*, de São Paulo. Os dois periódicos foram a base inicial para a estruturação da grande empresa jornalística, que mais tarde se tornou os *Diários Associados*. Em 1927, foi fundada a revista *O Cruzeiro*, semanário que teve grande impacto na imprensa brasileira (FERREIRA, 2010, s. p.).

Além disso, Chateaubriand teve importância jurídica e política, chegou a ser senador e influenciou a esfera institucional de diferentes maneiras. Conhecido por seu anticomunismo e uma intensa defesa do uso do capital estrangeiro no Brasil. A segunda característica o levou a ter ruzgas com Getúlio Vargas, sobretudo, na época da construção da Petrobrás e da campanha do “O Petróleo é nosso”. Ademais, utilizou os veículos do grupo para construir uma intensa campanha contra o governo de João Goulart, que auxiliou a pavimentar o caminho para o golpe civil-militar de 1964 (FERREIRA, 2010, s. p.).

O *Diário do Paraná* pertencente aos *Associados* foi fundado em 29 de março de 1955, quando o grupo já era uma das principais forças midiáticas brasileiras. A data da primeira edição coincide com o aniversário de Curitiba, o que é possível inferir que não foi à toa, mas uma tentativa de engajar o público local junto à recém-criada publicação e aproximá-la da identidade paranaense. A intenção de se coligar com os paranaenses fica bem clara na manchete do editorial publicado na primeira edição: “Realização de boa vontade que beneficiará o estado”.

A frase foi proferida pelo então senador Assis Chateaubriand que veio pessoalmente junto com uma comitiva – integravam-na ainda Edmundo Monteiro, diretor dos *Diários Associados* de São Paulo, o deputado federal Renato Archer, o senador do Maranhão Sebastião Archer, o casal Jorge e Dolores Guinle, outros deputados e o jornalista d’*O Cruzeiro*, Flávio Damm – para a inauguração do periódico. Inauguração que teve destaque na sociedade paranaense. A primeira edição chegou impactando a imprensa local, foram 48 páginas e 5 cadernos. Duas páginas se dedicaram, especificamente, a cobrir a fundação do *Diário do Paraná*, dando o tom da importância do evento<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> As informações foram retiradas da exposição virtual do acervo dos *Diários Associados*, organizado pelo Arquivo Público de São Paulo, detentor da custódia da Coleção *Diários Associados*. Pode ser acessada aqui: [http://200.144.6.120/exposicao\\_diariosassociados/historico.php](http://200.144.6.120/exposicao_diariosassociados/historico.php) Acesso em: 25 fev. 2021.

<sup>9</sup> Realização de boa vontade que beneficiará o estado. *Diário do Paraná*, Curitiba, 29 mar. 1955, p. 7-8.

A cobertura relatou detalhadamente a chegada da comitiva ao aeroporto Afonso Pena; a recepção no Palácio do governo, com a presença do então governador Munhoz da Rocha – que saudou com empolgação a presença de Chateaubriand e o novo jornal –; e o baile que se seguiu no Marilux Hotel, após passagem pela nova sede do DP. A reportagem teve grande proeminência e espaço, contou com várias fotos (sobretudo, retrato das autoridades durante o baile de celebração) e construiu uma narrativa de que o Paraná estava animado com a chegada de um novo jornal, integrante de um grupo midiático de tal magnitude<sup>10</sup>.

O Diário do Paraná teve sua primeira sede no edifício do Clube Curitibano, clube social tradicional da região, na rua Barão do Rio Branco, onde também foi instalada a Agência Meridional, uma das agências de notícias do grupo Diários Associados. A direção do DP ficou a cargo de Adherbal G. Stresser, filho do compositor Augusto Stresser, e responsável por autorizar a publicação do caderno *letra e/ & artes*, que teve grande importância cultural para Curitiba e era responsabilidade de Sylvio Back<sup>11</sup>. O DP foi publicado durante 28 anos, encerrando suas atividades na edição do dia 23 de janeiro de 1983.

O fechamento tem relação com a decadência do conglomerado de Chateaubriand como um todo. Em 1959, ele “instituiu o condomínio acionário das Emissoras e Diários Associados. Distribuiu 49% das ações e quotas que possuía dentro de toda a cadeia a 22 de seus auxiliares, dentre os quais seus dois filhos” (FERREIRA, 2010, s. p.). A intenção era dar perenidade a todos os veículos de comunicação, após a sua morte. Contudo, a iniciativa criou vários problemas jurídicos e organizacionais e catalisou a decadência da empresa. No final dos anos 1970, a crise se agravou e foram fechados o Diário de São Paulo, o Diário da Noite e até a TV Tupi, o Diário do Paraná seguiu até 1983.

Para este capítulo coletamos 84 ocorrências relacionadas ao futebol de mulheres no DP. A primeira aparição ocorre na edição de 22 de fev. de 1959, quatro anos após a fundação do impresso, e relata sobre um jogo – chamado de “ensaio” – das equipes A e B do Paraná F.C. na Escola de Recuperação para Menores do Canguiri, as atletas já vinham treinando e eram oriundas dos times de basquete e vôlei do Ferroviário<sup>12</sup>. Em 1959, como vimos, a proibição da prática do futebol por mulheres decretada em 1941 havia sido mantida, mas o jornal mesmo assim publicou sobre o time em formação. De maneira geral, há menos notícias sobre a proibição no Diário do Paraná do que havia no Diário da Tarde. É possível dizer que o DP dá mais destaque para times e jogos que ocorriam no estado, a despeito do veto do CND, isso porque há uma recorrência desse tipo de notícia.

O jornal não se eximia de construir um consenso acerca de qual seria o lugar da mulher na sociedade. Nesta mesma edição, por exemplo, temos a notícia da instalação na Sociedade Thalia – outro clube social tradicional da capital paranaense – do *Club do Lar*. Uma organização criada pelo Diário do

<sup>10</sup> Realização de boa vontade que beneficiará o estado. *Diário do Paraná*, Curitiba, 29 mar. 1955, p. 7-8.

<sup>11</sup> HANATI, Y. O caldeirão intelectual paranaense. *Gazeta do Povo*, Curitiba 17 dez. 2011. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-caldeirao-intelectual-paranaense-ar1vxwnxmu2cjwqj4quzmq6/> Acesso em: 25 fev. 2021.

<sup>12</sup> Futebol feminino no Canguiri. *Diário do Paraná*, Curitiba, 22 fev. 1959, p. 16.

Paraná, através do seu suplemento feminino e que “seria um ambiente destinado a intensificar o intercâmbio entre as donas de casa e das que se preparam para esse mister”<sup>13</sup>. O jornalista Luiz G. Mazza foi o representante do DP, considerado o “jornal da família paranaense”, na solenidade e destacou “a posição da mulher na tarefa de gerir o lar na educação dos filhos e na defesa do orçamento doméstico”<sup>14</sup>.

Assim, temos na mesma edição, por um lado uma breve nota acerca da formação de um time de mulheres, em plena proibição da prática, o que já seria um deslocamento da norma social instituída e que o jornal ainda se preocupou em divulgar sem uma condenação ou um julgamento. Por outro lado, e com maior destaque, temos um reforço explícito da estrutura patriarcal que subjuga mulheres à esfera doméstica, à esfera privada, reforçando que essa seria a “posição da mulher” na sociedade – lembramos ainda que neste mesmo ano o DP publicou a coluna de Mario Fernando citada acima.

É importante notarmos que as mulheres ligadas ao Club do Lar tinham relação com um clube social tradicional de Curitiba, de origem alemã, e que nessa época aglutinava pessoas de destaque da sociedade paranaense, como políticos, artistas, empresários etc., além do próprio vínculo com o Diário do Paraná, pois chegaram a ganhar espaço no impresso, dentro do suplemento feminino. Sobre as mulheres integrantes das duas equipes que se enfrentaram na Escola de Recuperação para Menores do Canguiri temos poucas informações. Sabemos que jogaram nessa instituição e de acordo com a notícia eram oriundas do time do Ferroviário, também muito tradicional da cidade, mas com uma característica muito mais popular.

Podemos levantar duas perspectivas com base nessas notícias. A primeira é pensar se esse ideal de mulher como “dona do lar” caberia na realidade concreta para todas as classes, pois nas classes populares, as mulheres sempre trabalharam fora e desempenharam funções na esfera pública e produtiva, não obstante o ideal de mulher dona de casa compusesse esse imaginário coletivo hegemônico. A segunda é que não é possível sermos taxativos sobre os posicionamentos de um periódico acerca de determinados assuntos. Mesmo que o Diário do Paraná se empenhasse em construir um consenso fortemente patriarcal acerca da posição da mulher na sociedade paranaense – como vimos, ligada ao lar – também havia relatos fora dessa norma, complexificando essa situação e permitindo nuances e brechas. Brechas que poderiam ser aproveitadas – e foram, como veremos adiante – por mulheres para visibilizarem outras possibilidades do *ser mulher*.

A associação das mulheres com a casa não aparecia somente nas notícias, as propagandas também desempenharam papel importante nessa construção. Esta edição referida possuía inúmeros anúncios, inclusive porque era maior (o Diário do Paraná tinha mais páginas que o Diário da Tarde de maneira geral), com 28 páginas mais os suplementos, totalizando 44 páginas. As propagandas eram das mais diversas e algumas ocupavam páginas inteiras, como é o caso da loja Hermes e Macedo e do seu anúncio sobre uma Geladeira Brastemp.

---

<sup>13</sup> Instalado ontem oficialmente na Sociedade Thalia o “Club do Lar”. *Diário do Paraná*, Curitiba 22 fev. 1959, p. 8.

<sup>14</sup> Instalado ontem oficialmente na Sociedade Thalia o “Club do Lar”. *Diário do Paraná*, Curitiba 22 fev. 1959, p. 8.

Um exemplo interessante sobre as representações de gênero construídas a partir das propagandas ocorre nas páginas 12 e 13. As Lojas Bettega anunciam um fogão novo com instalação em casa e há o desenho do rosto de duas mulheres sorridentes ao redor do fogão – no jornal há outras propagandas de produtos domésticos que fazem a mesma associação. Já na página seguinte temos a propaganda da Ancora Comercial, nova revendedora Ford em Curitiba, não há a associação de mulheres com os automóveis e afins, mas é interessante notar a relação da loja com o desenvolvimento (e desenvolvimentismo) nacional: “É justificada a satisfação que Ancora Comercial S.A. entrega á Curitiba – dentro do mesmo ritmo de progresso que tanto destaca no cenário nacional”<sup>15</sup>.

O Diário do Paraná publica muitas propagandas de empresas ou serviços nacionais, ainda mais em comparação com o Diário da Tarde, o que pode se relacionar exatamente com a grande estrutura do conglomerado dos Diários Associados. O que não exclui propagandas locais. Como exemplo, podemos citar a referência sempre presente à Rádio Colombo, chamando os leitores para ouvi-la. A Rádio pertencia na época à família Stresser, ligada, como vimos, a Assis Chateaubriand.

Outras características se sobressaem na estruturação gráfica do DP. A primeira é o uso abundante de material iconográfico. A maioria das páginas possui sempre ao menos uma imagem. As imagens são diversas, podem ser fotografias, charges, desenhos e até mesmo os anúncios. Outro elemento é a diversidade de assuntos, mas o enfoque em notícias políticas, sejam regionais, nacionais ou internacionais. É possível inferirmos que a atuação da Agência Meridional tenha relação com isso. As notícias esportivas de maneira geral ficam mais circunscritas à página de Esportes – veremos que há exceções a isso exatamente com o futebol feminino nas notícias sobre equipes ou torneios locais.

Para os anos 1970, foram coletadas para a pesquisa 37 ocorrências no DP sobre o futebol de mulheres, ou seja, quase metade do total, configurando-se como um período significativo. Com base na edição de 16 de janeiro de 1971 podemos perceber uma diminuição no número de páginas, já que essa contém 12. A maioria das edições da década de 1970 possui ou 12 ou 16 páginas, mas há variações, há números com 20, 24, 32 e até algumas edições com 36 páginas. As imagens também sofrem um decréscimo quantitativo e passam a ser em sua maioria apenas fotografias, fotos de pessoas que ilustram a reportagem realizada. Passa-se a ter pouquíssimos desenhos e aparecem mais nas propagandas. De 1980 a 1983, apesar do breve período, coletamos 21 notícias que se relacionam como futebol de mulheres no periódico, lembrando também que o Diário do Paraná encerrou suas atividades em janeiro de 1983, a regulamentação da modalidade ocorreu em abril deste mesmo ano, ou seja, o jornal acaba antes da prática futebolística estar oficialmente regulamentada para as mulheres.

---

<sup>15</sup> *Diário do Paraná*, Curitiba 22 fev. 1959, p. 13.

## A Hemeroteca Digital Brasileira

A pesquisa realizada para a produção desse capítulo teve como fontes primárias os dois periódicos acima examinados. Contudo, precisamos levantar outro ponto relevante da análise: o local em que tais jornais se encontram. Diferente de pesquisas feitas nas décadas passadas que utilizavam o microfilme, nós acessamos nossas fontes de maneira online, através do acervo da Biblioteca Nacional (BN). A partir de 2006, a BN iniciou o processo de digitalização de parte do seu acervo, o que acabou dando origem à BN Digital. Como parte disso, temos acesso à Hemeroteca Digital Brasileira: um repositório de jornais, revistas, boletins, almanaques etc. da imprensa brasileira desde o início do século XIX<sup>16</sup>.

Sobre essa mudança de suporte, as contribuições de Brasil e Nascimento são importantes:

Quando um registro histórico converte-se, por meio de algum processo computacional, em um documento digital, ocorre aí uma mudança que dificilmente poderia ser considerada trivial. Apesar de a informação contida na fonte continuar “sendo a mesma” — no sentido de que a digitalização não alteraria substancialmente o conteúdo do registro histórico —, podemos dizer que a modificação na “materialidade” da fonte histórica nos conduz, inevitavelmente, a uma nova condição em relação ao modo de lidarmos com a informação ali contida. (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 201)

Ou seja, a digitalização das fontes – seja um jornal, manuscrito, revista etc. – gera o que os autores chamaram de sua *rematerialização*. Isso impacta diretamente a análise realizada pelo historiador. Basta pensarmos, por exemplo, que algumas propriedades do documento podem ser perdidas (parcial ou totalmente), tais como: textura, brilho, odor, luz, som etc. As cópias digitais das fontes históricas também levam ao caráter de reprodutibilidade dessas fontes, é possível fazer cópias indefinidamente do registro histórico digital (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 202).

Todos esses aspectos afetam na *heurística*, parte fundamental do método histórico. A crítica heurística passa pela análise crítica da fonte e implica em fazer a história da própria fonte, desde a sua criação, refletir sobre as características do suporte, o tipo de discurso ou narrativa utilizados, a sua estruturação formal, a linguagem etc. – como buscamos fazer acima com os periódicos. Com a utilização de fontes oriundas de acervos digitalizados, há a necessidade de uma *heurística digital*. De tal modo: “O trabalho do historiador diante do arquivo digital, portanto, não é tão diferente do trabalho diante do arquivo físico, pois exige tanto rigor metodológico no tratamento da fonte quanto o tratamento de uma fonte não digital” (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 202-203).

Como parte dessa heurística digital devemos considerar que a possibilidade de localizarmos termos em um vasto material textual – no nosso

---

<sup>16</sup> Agradecemos imensamente todos os profissionais ligados à BN Digital. Muitas pesquisas não seriam possíveis, inclusive esta, sem vocês.

caso inúmeras edições de dois jornais do Paraná – pode acelerar o foco do historiador em relação a temas de seu interesse. Por outro lado, pode gerar uma *fragmentação* da relação com o documento histórico, pois a busca automática diminui a compreensão do contexto de aparição da própria palavra (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 203). Também pode acabar enviesando a pesquisa, pois já procuramos termos ou palavras-chave ligados a uma interpretação prévia.

Há, contudo, formas de resolver essa fragmentação e conseguir empreender uma crítica documental do material digital. O primeiro passo é expandir o vocabulário de termos e expressão utilizados na busca nominal da Hemeroteca Digital. Para isso, começamos com a palavra-chave mais básica: *futebol feminino*. Depois expandimos para variantes: *futebol de mulheres*, *futebol de moças*, *futebol de garotas*, *time(s) de mulheres*, *jogo(s) feminino(s)*. Considerando o contexto histórico utilizamos também palavras-chave em inglês, graças à influência britânica no esporte e a vulgarização de termos técnicos em inglês (HOLLANDA; MELO, 2012): *football*, *match*, *team(s)*. Também fizemos intercâmbios entre esses dois grupos de palavras, por exemplo: *football feminino*, *football de moças*, *football de mulheres*, *teams de mulheres*, *match de moças*. Para finalizar ainda buscamos utilizando grafias diferentes da mesma palavra, pois em uma das notícias a palavra “feminino” apareceu com dois M’s. A busca pelos termos sempre se utiliza também de aspas para procurar exatamente aquelas palavras juntas. Caso contrário, toda vez que uma dessas palavras aparecessem isoladamente a pesquisa iria considerar como ocorrência.

Na Hemeroteca também fizemos a busca pela opção LOCAL, delimitando o Paraná e recolhemos as notícias do recorte temporal estipulado para o capítulo, de 1934 a 1983. Os resultados – considerando os filtros citados – são oriundos de 200 acervos digitalizados e considerando 703756 páginas. A partir daí utilizamos as combinações de termos citados acima. Os termos que mais nos trouxeram ocorrências foram: *futebol feminino* (225), *futebol de mulheres* (21) e *football feminino* (9). O motivo que nos levou a optar pelos periódicos *Diário do Paraná* e *Diário da Tarde* foi a maior recorrência do tema futebol feminino em suas páginas. Foram 84 e 70 ocorrências respectivamente. O jornal *O Dia* também merece menção, pois é o terceiro em número de ocorrências, com 47.

Outro elemento importante para evitar a fragmentação do documento histórico é ao nos depararmos com uma ocorrência não analisar somente a notícia em que o termo aparece, mas contextualizá-la dentro do jornal. Ou seja, considerar a edição como um todo e não somente aquele informe localizado. A mesma indicação também vale para olharmos edições contínuas dos periódicos para conseguirmos examinar a sua estrutura geral e gráfica, além de considerar a “escrita de imprensa”. Esses passos se aproximam do exame de jornais orientada pela historiografia e como fizemos acima.

### **O futebol de mulheres nas páginas do *Diário do Paraná* e *Diário da Tarde***

Após a exposição metodológica para trabalhar historicamente com a imprensa e com o acervo digital e o exame dos dois periódicos na sua relação

com o futebol de mulheres, empreendemos agora a análise conteudista da temática. Para isso dividimos todas as ocorrências coletadas em três categorias: futebol internacional; proibição; prática do futebol. Cada categoria aborda um tema recorrente nos jornais, assim, o objetivo é agrupar as notícias com conteúdo próximo para pensá-las conjuntamente e analisá-las de maneira mais aprofundada.

## **Futebol Internacional**

“JOGADORAS ATÔMICAS” é o título da primeira notícia sobre futebol de mulheres internacional que figura nos nossos jornais, no dia 14 de fevereiro de 1946. Logo na primeira frase enuncia: “O futebol feminino embora proibido no Brasil, está na ordem do dia da Rússia”<sup>17</sup>. A Rússia soviética ainda apareceu em mais duas reportagens recolhidas – ambas abordando sobre proibição – e junto da Alemanha é o país estrangeiro mais destacado. Uma das possibilidades para isso talvez seja o próprio contexto de Guerra Fria e da proeminência da potência socialista na época, o próprio termo “atômicas” se conecta ao imaginário dos avanços tecnológicos ocorridos da disputa entre URSS e EUA.

Retomando as jogadoras russas, a notícia é curta e além de contrastar o cenário proibitivo brasileiro com o russo foca no léxico esportivo, informando como os termos técnicos tinham ficado no idioma local, alguns exemplos: beckes – beckas; keeper – kigia; center-forward – centre-forwarda. A jogadora que cometesse muitas faltas ou “fouls” era chamada de “fulera” e quando batesse bem o “corner” era a “cornista”. Há ainda outras palavras listadas. É interessante essa preocupação com a aclimatação das palavras do inglês para o russo, pois era um processo que também ocorria em terras brasileiras naquele contexto dos anos 1940 e até nas décadas anteriores. Basta lembrar que a Associação Brasileira de Cronistas Esportivos recomendou o aportuguesamento dos termos ingleses usados na imprensa (ARAÚJO apud BONFIM, 2019, p. 18).

Em 1970 e 1971, o mundo do futebol assistiu às duas primeiras competições mundiais de futebol feminino. Nenhuma delas foi reconhecida pela UEFA ou pela FIFA, mas ambas demonstravam o crescimento da modalidade em diferentes países e comprovavam que tais práticas, na verdade, já eram exercidas, independente dos diferentes mecanismos sociais existentes que alijavam mulheres do esporte, tais como o silenciamento ou invisibilização, humor paternalista, lógicas falsas (“sexo frágil para o esporte”), atividades ritualizadas (presentear meninos com uma bola e meninas com uma boneca), difamação e até mesmo mecanismos institucionais ou legais (BENNETT et al., 1987, p. 371).

O primeiro Campeonato Mundial Feminino foi sediado na Itália, com apoio da Federação Internacional do Futebol Europeu Feminino (FIEFF). As pesquisadoras Costa (2016) e Silva (2017) demonstraram que jornais do Rio de Janeiro e São Paulo noticiaram o torneio. *O Globo* em terras cariocas e a *Gazeta Esportiva*, *Placar*, *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo* em seu respectivo estado. De acordo com Silva (2017), a *Gazeta Esportiva* é o único

---

<sup>17</sup> Jogadoras atômicas. *Diário da Tarde*, Curitiba, 14 fev. 1946, p. 3.

periódico que empreende uma cobertura mais sistemática, postando os jogos e resultados ao final de cada rodada, os demais acabam soltando notícias mais esparsas.

O mesmo ocorre nos dois jornais que analisamos. O *Diário da Tarde* trouxe duas notas nos meses que antecederam o torneio informando sobre as cidades sede e sobre os países participantes:

Esta cidade industrial [Turim], que foi o berço do futebol masculino italiano, em 1897, foi escolhida para sede do jogo final do campeonato, cujas rodadas eliminatórias serão disputadas em Nápoles, Palermo, Roma, Bolonha, Genova e Milão.<sup>18</sup>

Começará no dia 7 de julho vindouro campeonato mundial de futebol feminino, a ter lugar na Itália e com a participação, além das italianas, do México, Áustria, Suíça, Inglaterra, França, Tchecoslováquia e Dinamarca. O certame está despertando muito interesse como não podia deixar de ser.<sup>19</sup>

De acordo com o DT, o torneio contou com oito seleções, sete sedes e ocorreu no mês de julho. Vale lembrar que a Copa do Mundo masculina de 1970 aconteceu de 31 de maio a 21 de junho. Ou seja, quando essas notícias saíram o Brasil já estava em preparação ativa para ir ao México brigar pelo tricampeonato, o país entrava no famoso “clima de Copa”<sup>20</sup>. Silva (2007, p. 87) nos conta que os irmãos Rambaudi, fabricantes de móveis e fundadores do Real Torino (um dos primeiros clubes femininos de futebol), deram uma entrevista no mesmo ano relatando que haviam convidado Argentina e Brasil para participarem do campeonato e “todas as equipes convidadas aceitaram”. Como vimos, nenhuma das duas seleções latino-americanas jogou de fato. Podemos inferir, caso o convite tenha se efetivado, que o Brasil não participou, pois o CND e demais autoridades não permitiram, uma vez que a prática ainda estava proibida no país.

No dia 9 de julho, já durante o torneio<sup>21</sup> o DT noticia a goleada do México sobre a Áustria por 9x0 e da Inglaterra sobre a Alemanha por 5x1. Depois o jornal não dá maiores informações sobre as partidas, times ou cidades. O público paranaense descobriu as finalistas e a seleção campeã graças ao *Diário do Paraná*. “Dinamarca e Itália decidem Mundial Feminino”<sup>22</sup> é o título da notícia que relata sobre os dois jogos da semifinal, detalhando o nome das jogadoras italianas e mexicanas e quais delas balançaram as redes. Pode parecer um padrão corriqueiro da imprensa esportiva, contudo, grande parte

<sup>18</sup> Certame mundial feminino. *Diário da Tarde*, Curitiba, 13 mar. 1970, p. 6.

<sup>19</sup> Campeonato mundial feminino. *Diário da Tarde*, Curitiba, 16 mai. 1970, p. 6.

<sup>20</sup> Lembrando que a Copa de 1970, em geral, e a Seleção Brasileira, em especial, foram amplamente utilizadas como propaganda da ditadura civil-militar. Sobre isso conferir: MAGALHÃES, Livia G. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Tese (Tese em História) – UFF. Niterói, 2013.

<sup>21</sup> Interessante notar que tanto o DT quanto o DP não chamam de Copa do Mundo, mas de torneio ou campeonato mundial. O que tem relação com o não reconhecimento dos jogos pela FIFA, ainda que seus organizadores reivindicassem essa alcunha, inclusive, porque fora inspirada na Copa já existente.

<sup>22</sup> Dinamarca e Itália decidem Mundial Feminino. *Diário do Paraná*, Curitiba, 12 jul. 1970, p. 17.

das notícias sobre futebol de mulheres não apresenta maior detalhamento, a sistematização tão padrão no esporte dos homens, nessa época, é rara para as mulheres. O que facilita a sua invisibilização e para nós pesquisadores acaba sendo mais uma dificuldade na coleta de rastros.

A Itália venceu o México por 2x1 com os dois tentos marcados por Elena Schiavo. O gol mexicano também acabou saindo dos pés de uma italiana, Marissa Mondo marcou contra. A Dinamarca venceu a Inglaterra por 2x0 para garantir a sua classificação e confirmando o que afirmamos acima, não sabemos a escalação dessas duas seleções e nem a autoria dos dois gols. A Dinamarca campeã estampa a capa do dia 16 de julho do Diário do Paraná, logo ao lado do cabeçalho do jornal. O informe é pequeno, mas não deixa de ser interessante uma notícia sobre o futebol de mulheres ocupar a capa do jornal. Ainda mais considerando um silenciamento de oito anos no Diário do Paraná sobre notícias do futebol feminino. Desde 1962 o periódico não noticiava algo sobre a modalidade. Retornara com a notícia sobre as finalistas. O informe é breve, relatando a vitória das dinamarquesas em cima das italianas – Itália que acabara de ser vice também na Copa do Mundo masculina – e creditando os gols a Hansen e Sevckikova.

Vale uma comparação. Recuperamos a edição do dia 22 de junho de 1970 do DP, no dia seguinte à final da Copa do Mundo masculina. A capa do jornal praticamente inteira é dedicada a falar da seleção campeã e não apenas um breve informe ao lado do cabeçalho. Ainda que seja lógico o Brasil ter mais destaque, pois estamos falando do próprio país como campeão, há uma diferença evidente na cobertura entre os dois torneios. Isso reitera a ideia apresentada acima de que há na imprensa um silenciamento das práticas esportivas praticadas por mulheres e a mídia se constituindo como um importante agente do campo esportivo ao fazer isso auxilia no alijamento delas dentro do esporte. Ou seja, como falamos acima, os jornais não são apenas meros repositórios de acontecimentos, eles também constroem (ou não) tais acontecimentos, atuando ativamente na estrutura social da qual são partícipes e construtores. O simples ato de escolher o que e como noticiar é um ato de poder.

Nos impressos aqui examinados só encontramos três notícias sobre o campeonato de 1971. A “II Copa do Mundo” (não reconhecida pela FIFA ou pela Conmebol) ocorreu no México, que havia ficado em terceiro lugar na primeira edição, e acabou aproveitando a estrutura da Copa do Mundo dos homens de 1970. Apesar de posicionamentos contrários, oriundos de dirigentes esportivos, médicos e jornalistas esportivos, o torneio foi um sucesso, em termos de público, divulgação e retorno financeiro. A organização coube à Associação Mexicana de Futebol Feminino e sem a chancela da federação masculina (COSTA, 2016). A imprensa brasileira abordou o tema em suas páginas: *O Globo*, *Gazeta Esportiva*, *Estado de São Paulo*, por exemplo. Mas a *Folha de São Paulo* foi a que melhor detalhou a cobertura sobre o evento, trazendo mais informações (SILVA, 2017, p. 99).

O Diário do Paraná ao escrever uma notícia sobre a preparação das mexicanas para o campeonato nos traz algumas informações relevantes: os seis países que disputarão a Copa são Argentina, Dinamarca, França, Inglaterra e Itália, entre os dias 18 de agosto e 5 de setembro, na capital do México. Ficamos sabendo também que o México fará um amistoso

preparatório contra o Peru e há as informações trazidas pelo técnico da seleção mexicana, Efrain Perez:

Efrain Perez, técnico da seleção, disse que pelo que sabe as peruanas tem mais idade e são mais fortes do que as suas moças, “mas acho que vamos superá-las na técnica e vencer o jogo”. Perez lamenta a falta de equipe fortes contra quem treinar o México. A seleção está treinando há dois meses, mas até agora só conseguiu encontrar times fracos, ganhando até de 14 a 0.<sup>23</sup>

O informe nos traz alguns elementos interessantes. O primeiro é que a Argentina efetivamente participou, diferente do ano anterior, passando a ter duas seleções latino-americanas no torneio, mas mantendo uma maioria europeia<sup>24</sup>. Ainda sobre isso, a dificuldade do México em encontrar seleções para jogar, como lamentou o treinador, também é um indicativo dos desafios enfrentados pelas mulheres na América Latina para jogarem futebol. Comparativamente, no mesmo período, a Inglaterra acabara de derrubar a proibição da Football Association e países como Itália e Alemanha vivenciavam uma estruturação da modalidade, com mais times e mulheres se organizando para praticar. Aqui no Brasil a regulamentação ocorre somente em 1983.

Durante a realização do campeonato o Diário da Tarde escreveu duas notícias abordando-o. A primeira é uma breve nota, no meio da página de esportes e junto de uma notícia sobre Hipismo internacional e sobre o União Bandeirante, informando que a Argentina foi goleada por 5x0 pela Dinamarca na semifinal<sup>25</sup>. Mas não traz dados sobre as jogadoras, as artilheiras, um resumo do jogo ou os demais placares. Há uma descontextualização com relação ao torneio como um todo. A segunda informa da vitória da Itália que eliminou a França por 1x0 e de outro fato ocorrido na partida:

No período complementar as francesas queriam retirar-se do campo, queixando-se da violência das italianas. Convencidas pelo árbitro inglês continuaram jogando. Elisabeth da Itália foi expulsa por ter desferido um ponta pé por trás numa adversária. A francesa Cristine teve que abandonar o gramado por choque violento. Ao final as duas equipes se engalfinharam, havendo puxões de cabelos, unhas e ponta pés, só cessando a briga com a intervenção da polícia mexicana.<sup>26</sup>

A violência durante a partida e a briga ao final contrastam com a imagem construída das mulheres como frágeis e pacíficas, ou seja, na realidade concreta outras formas das mulheres agirem aconteciam fora dos padrões estabelecidos. Por outro lado, a notícia reforçaria os argumentos de que as mulheres deveriam ficar apartadas do futebol, pois ele se constitui em um espaço violento, logo, não caberia a elas. De toda forma, a Dinamarca

<sup>23</sup> Futebol Feminino do México joga dia 21. *Diário do Paraná*, Curitiba, 07 jul. 1971, p. 14.

<sup>24</sup> Sobre a participação argentina na Copa de 1971 conferir: PUJOL, Ayelén. *¡Qué jugadora! Un siglo de fútbol femenino en la Argentina*. Buenos Aires, Editora Ariel Argentina, 2019.

<sup>25</sup> Argentina foi goleada. *Diário da Tarde*, Curitiba, 31 ago. 1971, p. 6.

<sup>26</sup> Briga em Guadalajara. *Diário da Tarde*, Curitiba, 24 ago. 1971, p.6.

sagra-se bicampeã da competição ao vencer o México no Estádio Azteca para um público de cerca de 100 mil pessoas (COSTA, 2016).

Os periódicos quando trazem informações sobre o futebol internacional também abordam alguns times ou jogos que ocorreram em diferentes países. Destacamos aqui duas notícias sobre o futebol alemão. A primeira, “As senhoras de Bonn são as melhores”<sup>27</sup>, fala sobre o time Bonn SC, campeão alemão de 1975, e destaca a jogadora Beverly Ranger: “Além disso, Beverly é considerada a primeira profissional feminina do futebol da RFA. O chefe da seção de futebol feminino de Bonn fez com ela um contrato que prevê um pequeno prêmio por cada gol”. Beverly era professora de tênis, jamaicana, negra e gravou seu nome na história do futebol alemão. O fato de ganhar o chamado “bicho” (remuneração de acordo com os resultados alcançados) era bastante significativo, pois as mulheres ainda estavam buscando consolidar a prática, receber por isso era um passo ainda além.

A segunda, “Mulheres, pouco melindrosas”<sup>28</sup>, relatou sobre as mulheres do time de Bad Neuenahr, da região da Renânia. O time surgiu a partir da equipe masculina que já existia e do entusiasmo das mulheres em praticar o futebol. O clube aceitou e fundou a seção feminina em 1969, contudo, somente no ano seguinte, a Federação Alemã aceitou a inovação. A notícia ainda traz informações relevantes sobre o cenário do futebol alemão e de acordo com o DT, dos quatro milhões de associados à Federação, 334000 são mulheres. Um dado bastante expressivo em termos quantitativos e qualitativos. Informa ainda que o campeonato alemão é disputado desde 1974<sup>29</sup>, e que o Bad Neurnahr foi campeão na edição de 1978. A notícia ainda é acompanhada de uma fotografia do jogo entre Bad Neuenahr e Marpingen, com duas jogadoras disputando a bola e a arquibancada cheia ao fundo, e foi replicada no Diário do Paraná alguns dias depois na edição 7246.<sup>30</sup>

Destacamos ainda um texto sobre o futebol em Nova Iorque:

Em Nova Iorque, uma líder feminista vai botar pra ferver. Depois de treinar por muito tempo um time de futebol feminino, ela chegou à conclusão de que precisaria reforçar o timão, para poder enfrentar a marmanjada. Assim, está formando um time misto, onde entrarão seis homens e cinco mulheres. Taí uma boa oportunidade para a Lica, do União Pinhais<sup>31</sup>

O primeiro elemento a chamar atenção é que a notícia não está no caderno esportivo do jornal, mas na página sobre atrações culturais (cinema, teatro etc.) e eventos sociais da região. Ou seja, o episódio é tratado fora da esfera esportiva e nesse caso associado ao feminismo, pois uma feminista estava “botando para ferver”. A associação entre feminismo e futebol de mulheres é complexa. Se encararmos pelo prisma de que o esporte é hegemonicamente masculino e todas as mulheres que ocuparam esse espaço

<sup>27</sup> As senhoras de Bonn são as melhores, *Diário da Tarde*, Curitiba, 11 out. 1975, p. 7.

<sup>28</sup> Mulheres, pouco melindrosas, *Diário da Tarde*, Curitiba, 12 jul. 1979, p. 10.

<sup>29</sup> Os torneios desse período não são reconhecidos como a Bundesliga feminina, instituída a partir de 1990.

<sup>30</sup> *Diário do Paraná*, Curitiba, 18 jul. 1979, p. 3.

<sup>31</sup> O mistão. *Diário da Tarde*, Curitiba, 26 jan. 1976, p. 4.

já subvertem a ordem patriarcal estabelecida, logo, o futebol de mulheres pode ser visto como uma prática feminista.

O que não quer dizer automaticamente que todas as mulheres envolvidas no futebol se autodeclarem feministas. Pelo contrário, por vezes há o rechaço do rótulo, como relatado por Silva (2017) ao abordar jogadoras da várzea paulistana nos anos 1970 e 1980. Hargreaves (1994, p. 36) também segue nessa direção ao falar, por um lado, como atletas mulheres, de maneira geral, não se enquadrariam como feministas convictas. Talvez o quadro esteja se alterando nos últimos anos, com mais atletas se posicionando e reivindicando o fim das desigualdades de gênero, mas seria necessário uma pesquisa mais aprofundada, que não cabe no escopo deste texto.

De toda forma, como coloca Goellner (2013, p. 49): “os feminismos reclamaram às mulheres a sua condição de sujeito no esporte, analisando-o como um espaço político e, conseqüentemente, um lugar de resistência e transformação das relações de gênero”, demonstrando assim que independente de rótulos há uma relação forte entre esses dois âmbitos – se pensarmos que estamos falando dos anos 1970 em Nova Iorque, quando há um boom das discussões feministas com a chamada Segunda Onda do Feminismo, isso se torna ainda mais latente.

O breve informe ainda revela a intenção de formar um time misto para enfrentar “a marmanjada”. O que também é um aspecto interessante e escapa à norma patriarcal estabelecida, e também à uma masculinidade hegemônica, a qual buscaria deixar bem separada práticas corporais de homens e de mulheres e enxerga homens jogando com mulheres algo inferior. Ademais, vemos uma ponte entre Nova Iorque e Pinhais, pois como está escrito seria “uma boa oportunidade para Lica, do União Pinhais”. Infelizmente, não encontramos outros registros sobre a Lica, mas o União Pinhais era um time da região metropolitana de Curitiba, chegou a disputar a Suburbana (campeonato amador tradicional da capital paranaense) e talvez houvesse a ideia de ou colocar mulheres para jogarem no time ou criar uma equipe feminina.

O noticiário sobre o futebol de mulheres internacional também abordava com recorrência a questão da proibição ou da regulamentação da prática em diferentes países. Já vimos essa abordagem sobre a Rússia e Alemanha, há ainda reportagens tratando disso sobre a Inglaterra e a Bélgica. Os argumentos para legitimar a proibição são muito próximos dos que eram utilizados aqui no Brasil: “As organizações científicas e médicas chegaram à conclusão de que jogar futebol é prejudicial para o organismo feminino e desperta paixões ardentes e malsãs”<sup>32</sup>. Na tentativa do controle dos corpos das mulheres há a narrativa de que seus organismos não estariam aptos à determinada modalidade, reforçando o imaginário do “sexo frágil”. Contudo, não são os corpos biológicos que determinam a prática esportiva, mas sim, os discursos gerados acerca desses corpos.

Além da notícia de que havia mais de 300 mil mulheres associadas à Federação Alemã, há outras reportagens que trazem o processo de regulamentação do futebol feminino em diferentes países e por vezes apresentam também aspectos institucionais. Em 1979, noticiou-se que o

---

<sup>32</sup> Rússia contra futebol feminino. *Diário do Paraná*, Curitiba, 28 jan. 1973, p. 9.

Presidente da Federação de Futebol da Suécia pediu diretamente à UEFA para organizar um campeonato anual feminino a partir de 1981, pois o esporte estava cada vez mais popular, tanto na Europa Ocidental quanto Oriental<sup>33</sup>. Vemos aqui um esboço de um campeonato continental.

Em 1982, no texto acerca da cerimônia de aclamação para o terceiro mandato de João Havelange na FIFA e quais seriam os passos seguintes da instituição, há três linhas abordando o futebol feminino em conjunto com o futebol juvenil e falando da intenção de criar “competições cada vez mais equilibradas”<sup>34</sup>. O envolvimento das instituições esportivas (federações, clubes, patrocinadores etc.) é fundamental para o fortalecimento da modalidade, por isso é importante tentar rastrear o posicionamento e as intenções delas ao longo do tempo. Basta pensarmos que as falas da FIFA de que, finalmente, promoveria uma Copa do Mundo feminina oficial auxiliou na pressão para a regulamentação da modalidade no Brasil.

## Proibição

Em 1941, pleno Estado Novo, é promulgado o Decreto 3199 para estabelecer as bases do esporte no país. Além de instituir o Conselho Nacional de Desportos o artigo 54 do Decreto afirma: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.”<sup>35</sup>. Como sabemos, é a partir daí que o futebol passou a ser uma modalidade vetada às mulheres. Já em 1965, durante a ditadura civil-militar, o CND, através da Deliberação nº 7<sup>36</sup>, especifica a proibição da prática do futebol por mulheres – também foram barrados polo aquático, rugby, lutas, halterofilismo e baseball. A Deliberação nº7 é revogada em 1979, contudo, a regulamentação do futebol de mulheres só ocorre em abril de 1983, ou seja, foram aproximadamente 40 anos de veto institucional.

Os jornais analisados aqui cobriram esse período proibicionista. Há várias ocorrências sobre o tema, algumas favoráveis, outras contrárias e quanto mais próximos ficamos de 1983, mais notícias surgem abordando aspectos da regulamentação. É interessante perceber esse movimento, há um aumento inclusive quantitativo de ocorrências nesse sentido. Novamente, a imprensa cumprindo um papel de agente ativo nos processos sociais. Em 1959, os dois periódicos abordam a proibição noticiando que o Juizado de Menores veta a prática do futebol feminino por menores de 18 anos. O Diário do Paraná publicou no dia 28 de abril e o Diário da Tarde no dia seguinte. O DP ainda informa: “As menores que forem encontradas praticando esporte em lugar público, com ou sem entrada paga, serão apreendidas e os responsáveis

---

<sup>33</sup> O presidente da Comissão do Mundial diz que renunciará. *Diário da Tarde*, Curitiba, 04 out. 1979, p. 7.

<sup>34</sup> Congresso da Fifa vai aclamar Havelange. *Diário da Tarde*, Curitiba, 09 jul. 1982.

<sup>35</sup> Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 16 mar. 2021.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/> Acesso em: 16 mar. 2021.

pelo jogo autuados na forma da lei, tendo o juiz, em sua portaria recomendado *severa vigilância* [grifo nosso]”.<sup>37</sup>

Além de solicitar severa vigilância, a notícia está localizada no jornal ao lado de outras notícias de cunho criminal e não esportivo. Nota-se a clara perspectiva de controle por parte não só das instituições esportivas, mas de órgãos legais pertencentes a outras esferas. Apesar do informe das possíveis punições, não encontramos registros se elas chegaram a ser cumpridas em algum momento, pois sabemos que jogos de mulheres (menores ou não) continuaram ocorrendo. Pode ser que não tenham ocorrido ou pode ser que simplesmente não tenham sido registradas – cabe uma pesquisa em registros criminais ou de contravenções. Recolhemos muitos outros informes semelhantes: CND vetou tour de times ingleses; a Delegacia de Jogos e Diversões de Belo Horizonte proibiu um torneio amador que ocorreria em Ponte Nova; solicitação do CND aos governadores de Estado e chefes de polícia que não permitissem a ocorrência de jogos de mulheres.

Há ainda três notícias no Diário do Paraná sobre um jogo de vedetes que ocorreria no Pacaembu em 1959, em apoio à Casa do Ator. A primeira informa que o jogo foi proibido pelo CND e a decisão ratificada pelo Tribunal Federal de Recursos, por isso a partida seria de handebol<sup>38</sup>. Através da segunda descobrimos que a despeito da proibição comentada anteriormente, o jogo das vedetes ocorreu e teve grande público e renda<sup>39</sup>. A reportagem ainda é acompanhada por duas fotos das vedetes Conchita Mascarenhas e Dayse Paiva trajadas com uniformes esportivos, mas em poses sensuais, reforçando a erotização do corpo feminino e estereótipos de feminilidade, pois apesar de usarem meião e camisa de futebol, uma delas veste um shorts curto e justo destacando as pernas, tendo um homem auxiliando a colocar o calçado, já a outra figura sentada no gramado olhando um espelho de maquiagem e com a sua bolsa ao lado.

A erotização dos corpos das mulheres é um processo que se torna cada vez mais presente no campo esportivo, elas poderiam participar desde que servissem aos olhares masculinos. A última notícia dessa série relata sobre a realização de um jogo de revanche, no Maracanã e estava autorizado, pois o CND não considerou como futebol, mas como "espetáculo circense". Acrescenta-se ainda a necessidade de rever a proibição, pois a prática está crescendo<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> Proibida a participação de menores nas partidas de Futebol Feminino. *Diário do Paraná*, Curitiba 28 abri. 1959, p. 9.

<sup>38</sup> Proibições em São Paulo: futebol feminino e os espetáculos de "catch". *Diário do Paraná*, Curitiba, 14 ago. 1959, p. 17.

<sup>39</sup> No futebol das vedetas as paulistas brilharam mais. *Diário do Paraná*, Curitiba, 19 ago. 1959, p. 17.

<sup>40</sup> CND nada tem a ver contra jogo das vedetas no Maracanã. *Diário do Paraná*, Curitiba, 22 ago. 1959, p. 12.



FIGURA 2: Conchita Mascarenhas e Dayse Paiva posam para as fotos de divulgação do jogo das vedetes. Fonte: No futebol das vedetas as paulistas brilharam mais. *Diário do Paraná*, Curitiba, 19 ago. 1959, p. 17. Acervo Biblioteca Nacional

É uma contradição interessante. Por um lado, as mulheres poderiam jogar bola caso fosse uma espécie de performance, um “espetáculo de circo” e não uma prática esportiva – o que como vimos cumpriu um papel importante nas décadas anteriores na popularização do futebol feminino – e também uma performance marcada pela objetificação de seus corpos. Atos marcados pela desigualdade de gênero. Por outro lado, é também através dessa atuação que elas conseguem entrar em campo (em estádios de peso como o Pacaembu e Maracanã), auxiliando na construção do questionamento acerca da proibição e abrindo caminho para outras possibilidades e desafiando essa mesma desigualdade.

Os jornais também registravam eventos e posicionamentos contrários à proibição. A notícia “Futebol feminino espera do CND a sua oficialização” é um bom exemplo disso – a informação veio da Agência Meridional do grupo dos Diários Associados e por isso aborda a realidade paulista. De acordo com o jornal, há ao menos 50 times de futebol feminino no estado de São Paulo e se destacam dois: as Feras da Vibrante, de Americana, e Andorinha Parque Clube, de Campinas. A reportagem traz informações sobre os times, suas jogadoras, artilheiras e complementa:

as únicas diferenças de um 23ogo de futebol masculino são as chuteiras, substituídas por tênis na prática daquele esporte por mulheres. A duração da partida é de 30 minutos cada tempo.

Quanto às regras e o desempenho de cada jogadora, *um time feminino nada fica a dever a um masculino*. [grifo nosso]<sup>41</sup>

A equiparação qualitativa entre equipes de homens e mulheres é bastante significativa para aquele contexto e justifica o último parágrafo da reportagem informando sobre a preocupação dos times femininos daquele contexto em solicitar a liberação da prática ao CND. Segundo o DP, os times já estão iniciando um movimento em prol da oficialização da modalidade para que os times possam participar da “Copa” feminina. Seria essa a Copa tratada anteriormente? É possível e até provável que sim. É um elemento relevante para pensarmos as articulações transnacionais em prol do fortalecimento da modalidade.

A partir do final dos anos 1970 e, sobretudo, no início da década de 1980, há um número maior de ocorrências na nossa pesquisa em defesa da regulamentação do futebol de mulheres no Brasil e as consequências após a sua efetivação. Em Pernambuco, realizou-se em dezembro de 1980 o I Congresso Estadual de Futebol Feminino, com mais de dez equipes participantes de futebol de campo ou futebol de salão. O conclave, de acordo com o Diário da Tarde, contou com o patrocínio do Banco do Desenvolvimento do Estado de Pernambuco (Bandepe), foi organizado por Maria do Carmo e Ivani Barbosa do time Coisinha do Pai e tinha o objetivo de:

Conseguir a igualdade junto ao futebol masculino e todos os desportistas, de onde esperam muito respeito e compreensão, são outros firmes propósitos de Coisinha do Pai, Divinas e Maravilhosas, Realce, Timbuzetes, Garotas do Parque, apenas algumas das agremiações que pretendem discutir, também, a formação de uma futura seleção pernambucana de futebol feminino.<sup>42</sup>

A realização do Congresso e a existência de tantos times mostra que Pernambuco era um estado forte para o futebol de mulheres, é importante termos esse olhar para não focarmos somente no eixo Rio-São Paulo quando buscamos escrever essa história. Além disso, a estruturação de um evento como esse demonstra a preocupação institucional dessas mulheres na defesa da igualdade de gênero e em pressionar em prol da regulamentação. Conforme Silva (SILVA, 2015), o jornal Estado de São Paulo também destacou a realização das pernambucanas, mas informou que o congresso teve pouca audiência. De toda forma, ao final do evento produziu-se um documento dirigido ao CND com fundamentos para exigir a legalização do futebol feminino, tornando-se mais um elemento de pressão desse cenário.

Ainda fora do eixo Rio-São Paulo, em Belo Horizonte, a Astoca, entidade das torcidas organizadas da região organizou uma iniciativa em prol da regulamentação. Os torcedores enviaram ao presidente do CND, General Cesar Montagna, um telegrama solicitando autorização para realizar um jogo

<sup>41</sup> Futebol feminino espera do CND a sua oficialização. *Diário do Paraná*, Curitiba, 06 ago. 1970, p. 14.

<sup>42</sup> O futebol para as mulheres e a classe amadora. *Diário da Tarde*, Curitiba, 29 dez. 1980, p. 7.

preliminar de futebol feminino no Estádio do Mineirão, as jogadoras seriam integrantes das torcidas de Atlético e Cruzeiro e complementam: “os times de futebol feminino já fazem partidas clandestinas há muito tempo e que tal exibição será uma atração a mais para o clássico mineiro (...) e vão mais longe pedindo a regulamentação do futebol feminino.”<sup>43</sup> A Astoca ainda enviou cópias para CBF e outras entidades esportivas, houve uma reunião no Centro de Defesa da Mulher e se planejou uma manifestação, passando por diversos pontos de Belo Horizonte.

As iniciativas das jogadoras de Pernambuco e das torcedoras de Minas Gerais demonstram as diferentes formas de mobilização que existiam em prol dessa pauta. É importante compreendermos que apesar da Deliberação nº 7 ter sido abolida em 1979, teoricamente derrubando a proibição também, não havia uma legislação que regulamentasse a modalidade. Nenhuma das entidades esportivas – CND, CBF, FIFA, federações estaduais – efetivou a regulamentação e o futebol de mulheres permanecia na prática vetado. Não havia calendários, torneios oficiais, possibilidade de uso dos estádios profissionais, afiliação das atletas e clubes nas federações. Por isso, as diferentes mobilizações foram importantes, pois pressionaram em prol da efetiva legalização.

É possível aliar tais iniciativas ao contexto brasileiro dos anos 1980. Era um período de efervescência social e de mobilizações. A distensão da ditadura civil-militar estava em pauta, os militares e seus setores de apoio buscavam controlar ao máximo a abertura política e a transição democrática. Por outro lado, distintos segmentos sociais estavam se organizando e disputando politicamente esse processo (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 477). Temos, por exemplo, o surgimento do Novo Sindicalismo; a Luta pela Anistia; a campanha das Diretas Já; o surgimento de partidos e movimentos sociais progressistas como o Partido dos Trabalhadores e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; artistas e intelectuais retornando do exílio; a organização de movimentos de minorias, como os feministas e negros, com destaque aqui para o Movimento Negro Unificado. Todo esse caldeirão cultural pressionou por maior liberdade e direitos, por isso, colocar a defesa do futebol de mulheres e a sua luta pela regulamentação no mesmo conjunto faz sentido.

Na edição do dia 14 de abril de 1983 do *Diário da Tarde* temos a comprovação de que todas as mobilizações deram resultado. O jornal publica na íntegra a Deliberação 01/83 do CND que finalmente regulamenta o futebol feminino no Brasil<sup>44</sup>. A notícia aparece na página esportiva, dentro da seção de futebol amador e vem acompanhada de uma foto do time Nova Orleans em um amistoso que realizou com o Paraná EC. As jogadoras são fotografadas na tradicional pose de time de futebol, algumas agachadas embaixo e outras de pé. Todas de braço cruzado e um homem ao canto, possivelmente, o treinador. Infelizmente, não sabemos seus nomes e formação, mas estamparam uma vitória importante das mulheres. A deliberação traz todas as orientações técnicas, institucionais, objetivas etc. para a modalidade e quais seriam as exigências. Destacamos que ela não permite o profissionalismo, sendo a prática apenas de cunho amador ainda.

---

<sup>43</sup> Legalização no setor feminino. *Diário da Tarde*, Curitiba, 30 set. 1981, p. 7.

<sup>44</sup> Vigora o regulamento do futebol feminino. *Diário da Tarde*, Curitiba, 14 abr. 1983, p. 6.

Após a regulamentação houve a ansiedade para ver o que aconteceria com as jogadoras paranaenses. O *Diário da Tarde* publicou, em 4 de maio, uma nota informando que as mulheres já poderiam se registrar na Federação Paranaense de Futebol (FPF), os clubes filiados à federação já estavam aptos a registrar suas atletas e a filiação para novas agremiações também poderia ser realizada. Além disso, o futebol feminino ficou vinculado ao Departamento Amador, pois a modalidade só havia sido liberada para atletas amadoras. A FPF ainda vivia a expectativa de naquela semana mesmo ocorrer o registro da primeira jogadora de futebol feminino do Paraná. O informe ainda traz informações administrativas de como se filiar e realizar o registro<sup>45</sup>.

Adalzira Saiz Kavitski ou Zi atendendo à expectativa da federação foi a primeira paranaense registrada como jogadora de futebol, pela equipe do Tupinamba. Ela tinha 25 anos na época e sonhava ser jogadora, começou a praticar aos 7 anos junto com seus irmãos. De acordo com a reportagem:

Há três anos, Zi atua no futebol com mais frequência, tendo defendido até o ano passado a equipe feminina da lanchonete Vovó Lalá. No início deste ano, após ter boa participação num torneio realizado no Parque Barigui, Zi resolveu fundar um time feminino para representar o Tupinambá. E há quase três meses o time tem treinado aos sábados, na sede do Clube, do Boqueirão, e sempre aceitando novas jogadoras que procuram o clube para praticar o esporte.<sup>46</sup>

Além do pioneirismo do registro, Adalzira se destaca também pela movimentação para organizar um time próprio, o que nos revela um circuito de mulheres que já jogavam bola e podiam finalmente se filiarem e jogarem sem maiores preocupações. Ainda sobre a filiação de atletas e times na FPF temos um contraponto de Jair de Lucca, presidente do Flamengo, time amador tradicional de Curitiba e que organizou o I Campeonato Feminino de Santa Felicidade:

Os times femininos de Santa Felicidade não estão preocupados e nem dispostos a participar de campeonatos oficiais, por entenderem que haverá muitas exigências por parte da FPF, concernentes a registros, sede com campo de futebol, alvarás de funcionamento. Creio que nos primeiros anos, os clubes estarão mais interessados na estruturação, para depois a filiação à Federação. Mas posso garantir que a motivação pela regulamentação é das maiores. Competições amistosas poderão ser organizadas e divulgadas sem temor de represálias.<sup>47</sup>

Jair levanta um ponto relevante, para além da regulamentação, a modalidade precisava de uma estruturação. Os clubes e times precisavam ter campos e sedes adequadas, a documentação correta e cumprir as demais exigências da Federação, para times amadores – não só de mulheres – isso

<sup>45</sup> Mulheres já podem se registrar na FPF. *Diário da Tarde*, Curitiba, 04 mai. 1983, p. 7.

<sup>46</sup> Mulher quer registro na FPF. *Diário da Tarde*, Curitiba, 12 mai. 1983, p. 6.

<sup>47</sup> Mulheres preferem as competições amistosas. *Diário da Tarde*, Curitiba, 09 abri. 1983, p. 6.

pode ser um desafio. Por isso a explicação de que talvez os clubes, primeiramente, focassem em se estruturar e depois se filiariam. A cobrança pela estruturação do futebol de mulheres ainda persiste e notamos que não começou recentemente.

O DT ainda contou sobre o Campeonato de Santa Felicidade, bairro da capital paranaense, que teve grande repercussão local, “empolgou bastante” e contou com os seguintes times: Frigorífico Túlio (campeão), Vasquinho, Flamengo (organizador), Lojas Stival, Iguaçu e Brasinha. A segunda edição era organizada exatamente na época da reportagem e contaria com mais times ainda. A notícia traz também a foto de uma atleta da equipe campeã sem, contudo, identificá-la. A fala de Jair de não sofrer represálias graças a regulamentação demonstra a importância desse processo e de como mesmo após 1979, ainda havia resquícios proibitivos.

### **Prática do futebol**

A grande maioria das ocorrências que recolhemos para o capítulo traz informações sobre jogos de futebol de mulheres. Podem ser sobre jogos comemorativos, jogos que já aconteceram, chamada para algum jogo que iria ocorrer ainda, jogos como atração de eventos etc. A partir desses dados podemos perceber que o futebol feminino era uma realidade e independente da proibição seguiu acontecendo. Contudo, não acontecia de uma forma única ou homogênea, podemos falar de “futebóis”.

Algumas partidas tinham cunho, principalmente, recreativo e compunham outros eventos sociais. Como quando o Diretório Acadêmico Suplicy de Lacerda promoveu o show *Miscelânea Cultural* e uma das atrações foi o futebol feminino, junto com “danças, sorteios de brindes, recital de poesias”<sup>48</sup>. Ou a programação de fim de semana do clube Santa Mônica que contou com “cinema, gincana infantil e futebol feminino”<sup>49</sup>. Ou ainda a Associação de Pais e Mestres do Colégio Santa Maria, a qual organizou o programa de comemoração de 20 anos da associação e um dos eventos foi um jogo de futebol entre mulheres. O futebol feminino como atração recreativa apareceu em diversas edições da Exposição Feira Agropecuária e Industrial de Ponta Grossa. Como esses ainda há vários outros, marcando essa face social do jogo de bola praticado por mulheres e meninas.

Como vimos anteriormente, as partidas entre vedetes eram recorrentes e anunciadas pela imprensa. Jogos preliminares de partidas masculinas também eram comuns assim como prélios independentes entre equipes locais. Por exemplo: a equipe do Butantã foi jogar em Piraquara, pelo encerramento da Liga Piraquarense de Futebol e houve um jogo feminino preliminar entre Garituba e Seleção Senf.<sup>50</sup> Outro exemplo é o anúncio de uma partida de futebol entre dois colégios para ocorrer na praça do viaduto do Boqueirão e sendo um “espetáculo sui generis”<sup>51</sup>.

O jogo entre as moças do Imprensa Paranaense e a Seleção Gráfica em homenagem ao Dia do Gráfico e que ocorreu no Parque Britânia teve um amplo

<sup>48</sup> *Diário do Paraná*, Curitiba, 08 out. 1981, p. 9.

<sup>49</sup> *Diário do Paraná*, Curitiba, 24 jul. 1976, p. 9.

<sup>50</sup> Butantã em Piraquara. *Diário do Paraná*, Curitiba, 24 set. 1982, p. 11.

<sup>51</sup> Futebol feminino na capital. *Diário da Tarde*, Curitiba, 08 abr. 1972, p. 6.

destaque no Diário do Paraná, reportagem ocupando grande parte da página esportiva, com direito a fotos dos times, manchete bem destacada e um resumo da partida. A preocupação com os aspectos de beleza das jogadoras também não ficou de fora: “As moças foram para o vestiário, não preocupadas com a resistência física, mas com a maquiagem. Secando o suor, e renovadas as formas da beleza feminina voltaram a campo”, reforçando novamente um ideal de feminilidade ligado à estética.<sup>52</sup>

Há uma partida, contudo, que merece atenção: um Atletiba, em 1976 (plena proibição), no Estádio Belfort Duarte (pertencente ao Coritiba e hoje chamado de Major Antônio Couto Pereira) jogado pelas telefonistas da Telepar em comemoração aos treze anos da companhia telefônica. O Diário do Paraná trouxe três informes sobre o jogo, os dois primeiros breves notas comunicando da realização da partida, na coluna *Enfoque* que comentava sobre fatos cotidianos do estado, e a última uma reportagem maior com direito a foto de uma atleticana e uma coxa branca disputando a bola e um breve resumo da partida. O DP ainda informa que o árbitro da partida foi o ex-jogador do Coritiba, Kruguer, o bandeirinha foi o Frei Pio e que o gol da partida chegou a ser transmitido pela televisão. O jogo terminou empatado em 0x0, mas as atleticanas venceram a disputa com um gol de pênalti após as cobranças alternadas.



### *Futebol de mulheres*

FIGURA 3: Telefonistas com os uniformes de Coritiba e Atlético no Estádio Belfort Duarte. Fonte: Atlético ganha o jogo. *Diário do Paraná*, 28 nov. 1976, p. 12. Acervo Biblioteca Nacional.

O impacto de um jogo realizado em um estádio de time profissional – o que era proibido e com uma vigilância atenta – com uniforme dos dois maiores clubes do Paraná é significativo para o futebol de mulheres e pode ser considerado um marco importante para a modalidade no estado, não obstante tenha sido um jogo comemorativo e a disputa esportiva não fosse o foco central. Sobre práticas significativas, além dos torneios e jogos registrados,

<sup>52</sup> Imprensa venceu futebol feminino. *Diário da Tarde*, Curitiba, 26 jun. 1973, p. 7.

outra ocorrência recorrente era sobre times de mulheres formados no período analisado. Vamos destacar aqui o Atlântico Futebol Clube.

O Atlântico apareceu em três reportagens grandes na coluna *DP nos Bairros* do Diário do Paraná (e não na página de esportes), com direito a fotografias e informações detalhadas. A primeira delas inicia da seguinte forma: “Na Vila Tapajós acontece um fato de causar vergonha a certas partidárias de movimentos feministas. Existe naquele bairro, uma equipe de futebol chamada Atlântico Futebol Clube, que formada só de mulheres tem ganho de goleada de uma série de times que existem por aí”<sup>53</sup>. A abertura já é reveladora de que havia um circuito de times de futebol em Curitiba, o que pode ser comprovado ao falar de algumas equipes adversárias enfrentadas pelo Atlântico: Vila Gralha Azul, Tres Morretes, Almirante Tamandaré, Colorado, Escola Técnica Federal e Normalistas em Guarapuava.

FIGURA 4: Time do Atlântico Futebol Clube posando para foto.



Fonte: Enfim, foi acertado o jogo entre mulheres. *Diário do Paraná*, 01 ago. 1975, p. 5. Acervo Biblioteca Nacional.

Além disso, a ideia de que as feministas não ficariam felizes com um time de futebol de mulheres é interessante e recupera as reflexões que fizemos acima. O Atlântico começou, conforme conta Guiomar uma das dirigentes, quando as mulheres que acompanhavam na torcida o futebol de seus maridos resolveram entrar em campo e formar o próprio time. A reportagem termina com um chamado desafiando qualquer equipe de Curitiba para jogar contra elas, mas “que o time seja bom porque senão será outra goleada”. Nas outras

<sup>53</sup> A equipe de futebol aguarda adversárias feminino da Vila Tapajós. *Diário do Paraná*, Curitiba, 14 mai. 1975, p. 5.

duas reportagens a pauta é conseguir adversárias a altura do Atlântico. Em uma delas o time e o DP nos Bairros reafirmam o desafio, informando que continuam no aguardo<sup>54</sup>. Na outra há a confirmação de um jogo do Atlântico contra as jogadoras da equipe da COPEL (Companhia Paranaense de Energia)<sup>55</sup>, mas depois em errata o DP afirmou que eram jogadoras da EMPAR, e que o jogo ocorreria no campo do Caxias no dia 17 de agosto.

Contudo, infelizmente, não ficamos sabendo se o jogo realmente aconteceu, pois o Diário do Paraná não fez o registro. De toda forma, o Atlântico é um exemplo de time de mulheres com raízes locais e que mobilizava um circuito todo ao seu redor, isso em meados dos anos 1970, ou seja, independente da proibição a prática do futebol de mulheres persistiu e como vimos acima, havia vários times jogando e constituindo um circuito amador na cidade de Curitiba.

### **Considerações Finais**

Ao chegar no final do artigo, uma coisa é clara: o futebol de mulheres esteve presente e atuante no campo esportivo paranaense. Independente da proibição da modalidade no Brasil por quase quarenta anos, as mulheres não deixaram de praticar e jogar o futebol. Resistiram de diferentes formas às tentativas de controle de seus corpos e das suas práticas corporais. Nesse sentido, podemos falar de diferentes futebóis praticados por elas nesse período. Como vimos, houve jogos de vedetes, jogos como atração de eventos, jogos recreativos, times se formaram, disputas acirradas, torneios amadores, jogos preliminares etc. Essa diversidade faz parte da história do futebol paranaense.

O que não passou incólume para a imprensa. Nem poderia, pois como vimos, a imprensa também é um agente ativo da sociedade, não funcionando apenas como mero repositório de acontecimentos, mas atuando e interferindo na realidade social, criando consensos, construindo hegemonias, moldando modos de vida. A forma como a imprensa paranaense representou o futebol de mulheres é marcada por nuances. Há, contudo, uma desigualdade se comparada à cobertura que o futebol de homens recebe. Temos um número imensamente menor de notícias e muitas vezes elas vem com déficit de informações.

Além disso, muitas das reportagens reforçavam a hegemonia masculina e uma lógica patriarcal no campo esportivo. Por exemplo, defesas da proibição ou ainda fotografias sensuais e inúmeros comentários sobre os aspectos estéticos das mulheres, intensificando uma objetificação de seus corpos e valorizando somente suas características físicas em detrimento de outros aspectos, inclusive, do próprio jogo. Por outro lado, tivemos também textos que divulgavam entusiasticamente os jogos ou times femininos e, sobretudo, no início dos anos 1980 houve uma cobertura maior acerca da regulamentação da modalidade, o que também foi importante naquele contexto para pressionar em prol dessa conquista. Cabe aos historiadores seguirem analisando criticamente a produção midiática e estarem atentos às

---

<sup>54</sup> O desafio feminino está sem resposta. Vila Tapajós. *Diário do Paraná*, Curitiba, 02 jul. 1975, p. 5.

<sup>55</sup> Enfim, foi acertado o jogo entre mulheres. *Diário do Paraná*, Curitiba, 01 ago. 1975.

nuances e complexidades. Lembrando que o futebol é uma janela privilegiada para compreendermos diversos aspectos das sociedades.

## Referências

BENNETT, Roberta S.; WHITAKER, K. Gail; WOOLLEY SMITH, Nina Jo; SABLOVE, Anne. Changing the rules of the game: Reflections toward a feminist analysis of sport. *Women's Studies International Forum*, [S. l.], v. 10, n. 4, p. 369–379, 1987. DOI: 10.1016/0277-5395(87)90054-9.

BONFIM, Aira Fernandes. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196–219, 2020.

COSTA, Leda. Década de 1970: o impulso globalizante e desobediente do futebol feminino. *Ludopédio*, v. 89, n. 10, 2016.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina Do Historiador: Conversas Sobre História E Imprensa. *Projeto História*, v. 35, n. 2, p. 253–270, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Assis Chateaubriand. In: ABREU, Alzira Alves; (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos , mulheres e esportes : questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171–196, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 34, p. 45–52, 2013.

HARGREAVES, J. *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports*. Nova York: Routledge, 1994.

HOLLANDA, B.; MELO, V. *O Esporte na Imprensa e a Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LUCA, Tania Regina De. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 634.

PFISTER, G; Hartmann-Tews; ILSE. *Sport and Women: Social Issues in International Perspective*. Londres: Routledge, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 159–189, 2009.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Giovana Capucim. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*. USP, Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2015.

SILVA, Giovana Capucim. *Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

WILLIAMS, Raymond. A Imprensa e a Cultura Popular: Uma Perspectiva Histórica. *Projeto História*, v. 35, n. 2, p. 15–26, 2007.

WOITOWICZ, KJ. Recortes do tempo na escrita do jornal: história e cotidiano no universo jornalístico da capital paranaense. In: *Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916)*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015. p. 47–84.

ZICMAN, Renée Barata. História Através Da Imprensa: Algumas Considerações Metodológicas. *Projeto História*, São Paulo, 1985.

Recebido em 21 de junho de 2021  
Aprovado em 05 de outubro de 2021